

COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

Senado também quer renovação

Habitualmente identificado com o marasmo, a ponto de se cogitar de quando em vez sua extinção, o Senado que aí vem — dois terços renovado — já prepara um movimento interno em direção a mudanças, a exemplo do que se começou a fazer na Câmara. Um grupo de 10 senadores dos que permanecerão por mais quatro anos já articula a redação de um novo regimento, dando poder independente à burocracia, baixando quórum para facilitar votações e reforçando o poder político dos parlamentares, que servirá de base para o lançamento deste debate na sociedade.

E é a partir daí, com a pressão de fora para dentro, que se pretende eleger uma nova Mesa diretora condizente com os novos tempos. Fernando Henrique Cardoso não entrará diretamente nessa briga mas, evidentemente, apóia e torce de longe. Não tão de longe assim, uma vez que no grupo que defende o *novo Senado* estão aliados seus como os ministros Beni Veras e Elcio Álvares, o presidente do PTB, José Eduardo Andrade Vieira, e seu ex-candidato a vice-presidente Guilherme Palmeira.

Dos antigos, também compartilham da idéia Eduardo Suplicy, Esperidião Amin, Josaphat Marinho, Hugo Napoleão e, como não poderia deixar de ser, Pedro Simon e José Fogaça. Esses dois, representantes do PMDB gaúcho que inicia uma luta interna pela hegemonia do partido. O debate em torno do regimento ficará mais interessante à opinião pública quando desaguar na disputa pública pela presidência do Senado. Porque o primeiro embate entre conservadores e renovadores se dará justamente em torno desta eleição.

O lugar é do PMDB, ninguém tira. O regimento do Senado é claro quando dá ao maior partido a primazia de ocupar a presidência. Como os pemedebistas são 22, seguidos por 19 pefelistas e 11 tucanos, a menos que se formassem blocos, a questão está decidida. O bloco está fora de cogitação por dois motivos: primeiro, porque o regimento diz que os partidos que integrarem o bloco perdem o direito à liderança própria e não há bancada que aceite isso. Segundo, porque não interessa a Fernando Henrique criar uma confusão deste tamanho com o PMDB de cujos votos precisa tanto na Câmara quanto no Senado para aprovar suas reformas.

Isso posto, aparecem três candidatos: José Sarney, Pedro Simon e José Fogaça. Nenhum deles do agrado irrestrito do presidente eleito. Ele preferiria Elcio Álvares, que, por ser do PFL, está fora do páreo. Mas, como diz a velha e batida máxima, política é a arte do possível. Portanto, é com esse quadro de candidaturas que o governo trabalhará. Os *modernos* de tudo farão para excluir Sarney da disputa.

Acham que não é ele o político ideal para comandar uma Casa que aposta na mudança de métodos e imagem e avaliam que, com seu jeito conciliador, dificilmente conseguirá fazer votar as reformas. No grupo de Fernando Henrique há ainda a sensação de que, detentor de tanto poder, José Sarney levará sempre o governo a negociar em posição de desvantagem. O custo da relação Senado-Palácio do Planalto ficaria muito elevado.

Mas é evidente que Fernando Henrique e seus aliados não brigarão com Sarney nem dirão as coisas com clareza a ele. Para isso, apostam em outros fatores. Primeiro, contam com um sinal dele próprio, que já disse que sua candidatura só existe se for em ambiente unânime. Ou seja, para fazê-lo desistir, basta manter outro postulante no partido disposto a bater chapa. A avaliação atual é a de que, se for para a disputa mesmo assim, Sarney pode ganhar.

Tem força dentro do Senado e no partido, e não lhe faltam aliados como, por exemplo, a ala mais ligada ao PMDB paulista que não se dá com os gaúchos. O problema para Sarney é que, se houver entre os pemedebistas quem queira se rebelar contra sua candidatura e se apresentar ainda assim como postulante, a votação vai ao plenário.

E é com isso que contam os renovadores. Eles lembram que, na eleição passada, a maioria da Casa não queria Humberto Lucena, mas como ele não teve opositor dentro do partido, acabou eleito presidente. Quando não há adversário, a sigla majoritária é quem aponta o vencedor, sem que o plenário seja chamado a opinar. Agora, pretende-se que o jogo seja diferente, e é nessa articulação mais ampla que estão envolvidos não só os senadores antigos mas também uma boa parte dos novos, eleitos em 3 de outubro.

Ninguém descarta a possibilidade de aparecer um nome novo, alguém que não tenha sido falado ainda. Mas, nesse momento, considera-se que Pedro Simon e José Fogaça são as únicas soluções. O primeiro tem mais força que o segundo, mas entre os tucanos da intimidade do presidente eleito é considerado um pouco entusiasmado demais na defesa de seus pontos de vista. Mas, ao mesmo tempo, ninguém duvida, é um político de imagem sem reparos diante da opinião pública. Com a seriedade e probidade que os novos tempos regidos pela ética exigem.

De qualquer forma, ninguém quer decisões precipitadas. Por isso, é preciso primeiro que as coisas se tornem mais claras dentro do PMDB. Se der Simon, evitam-se turbulências. Se o escolhido for Sarney, o Senado pode se preparar para uma disputa em plenário como há muito não se vê.